

A MÚSICA NO ENSINO DE HISTÓRIA: O RAP COMO UMA VOZ DO ANTIRACISMO

Larissa Roberta Castro Borges¹

Resumo: O presente tem como objetivo principal destacar as possibilidades que a música oferece ao ensino de história. então para realização desse trabalho realizou-se uma reflexão sobre a música com o estilo musical chamado Rap, intitulada, “Negro Drama”, composta pelos Racionais MC's, grupo brasileiro de Rap, desde 1997, que pertence ao disco “Nada como um dia após o outro dia”, lançado em 2002. O foco do estudo foi o antirracismo, sendo que foram abordados pontos importantes relacionados a este tema tais como: pessoas negras num contexto histórico, inúmeras problemáticas que o preconceito racial traz o rap enquanto um dispositivo de denúncia racial e a situação das pessoas negras na sociedade brasileira. Metodologicamente o estudo parte de uma análise bibliográfica de cunho qualitativo e da análise de uma canção, entendida como fonte histórica. Verificou-se que uso adequado da música no ensino de história pode dar bons resultados, e que a música escolhida tem conteúdo para auxiliar na construção do conhecimento histórico, promovendo uma visão mais ampliada de História, em que vozes de grupos discriminados historicamente abordam a temática racial, expondo a experiência de ser negro/a no Brasil.

Palavras-chave: Racismos. Ensino de História. Música.

Introdução

A música está presente na humanidade há milênios com relevância e função social em meio aos seus povos. É muito difícil dissociar a música das pessoas, pois por intermédio de sua linguagem complexa e rica em detalhes, ela desenvolve e traz liberdade de expressão, fazendo com que as pessoas se comuniquem e socializem com o mundo a sua volta. A música é uma forma de linguagem manifestada pelos sentidos. Seu vocábulo vem do grego e quer dizer “a arte das musas”. Sua origem é teorizada por autores como o filósofo Rousseau (1999). A música é arte que se faz presente em diversos momentos da vida exercendo importante papel na formação do ser humano desde a infância, tendo em vista que ainda em fase intrauterina a criança já está interagindo com a linguagem musical (Silva, 2010; Garcia, 2012).

Nos espaços educacionais a música como ferramenta de ensino não é uma inovação. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular “a Música é uma expressão artística que se materializa por meio de sons. Daí, a importância de um ensino voltado a práticas musicais que explorem esses sons. Diante de tudo isso o/a professor/a é quem proporciona situações para gerar possibilidades de conhecimentos” (Brasil, 2017, p. 196).

¹ Acadêmica do Curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* de Nova Andradina.

Nessa ótica, o presente trabalho, tem como objetivo principal destacar as possibilidades que a música oferece ao ensino de história. Então para realização desse trabalho realizou-se uma reflexão sobre a música com o estilo musical chamado Rap, intitulada, “Negro Drama”, composta por Mano Brown e Edi Rock e executada pelos Racionais MC's, grupo brasileiro de Rap, desde 1997. O foco do estudo foi o antirracismo, sendo que foram abordados pontos importantes relacionados a este tema tais como: pessoas negras num contexto histórico, inúmeras problemáticas que o preconceito racial traz o rap enquanto um dispositivo de denúncia racial e a situação das pessoas negras na sociedade brasileira. Outro aspecto metodológico é a utilização da música enquanto fato documental motivadora para uma aula de história.

Metodologicamente o estudo parte de uma análise bibliográfica de cunho qualitativo e da análise de uma canção, entendida como fonte histórica. De acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 266) a abordagem qualitativa preocupa-se em analisar e, sobretudo interpretar os aspectos de forma mais profunda, complexa acerca do comportamento humano, oferece análise mais minuciosa em relação às investigações. Ao que se refere à pesquisa do estudo bibliográfico a mesma contribui na fundamentação sobre o assunto, permitindo a manipulação de informações para compreensão do tema, possibilitando aprofundamento do objetivo pesquisado.

Como principais aportes teóricos adotaremos os postulados Napolitano (2002); Ferreira (2001); Moran; Masseto; Behrens, (2000); Soares (2017); Bitencourt (2008); Andrade (2018); Lourenço (2010); Fernandes; Martins; Oliveira, 2010); Andrade (2018), entre outros. Optei por dividir esse trabalho em três sessões, após os informes introdutórios, reflito sobre a música e o ensino de história; em seguida são apresentadas considerações históricas sobre o Rap e na última sessão aponto algumas possibilidades para o ensino de história por meio da música “Negro Drama” do Racionais MC's grupo brasileiro de Rap. Racionais MC's é um grupo brasileiro de rap fundado em 1988. O grupo formado por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay. É o maior grupo de rap do Brasil, e está entre os grupos musicais mais influentes do país e da música brasileira.

Parte-se do princípio que o trabalho com a música na sala de aula, no ensino de história constitui-se como um elemento relevante no estabelecimento de relações entre ensino e aprendizagem, uma vez que faz parte do dia-a-dia dos/as alunos/as e

pode abrir espaço para que se trabalhe na direção de estudar diferentes realidades em diferentes contextos históricos. Este artigo procura problematizar tais preocupações, focalizando o ensino de história antirracista e sobre as possibilidades de rompimento com as estruturas pessoais e institucionais que operam com o racismo escolar.

A música e o ensino de História

A música, de um modo geral, possui um papel importante na educação das pessoas. Ela contribui para o desenvolvimento psicomotor, socioafetivo, cognitivo e linguístico, além de ser um recurso de ensino facilitador. De acordo com Napolitano (2002) no Brasil, a música tem um lugar de destaque na história sociocultural, em mediações, fusões, encontros de diversas etnias, classes e regiões que formam o nosso grande mosaico nacional. Além disso, a música tem sido, ao menos em boa parte do século XX, a tradutora dos nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias sociais. A música contribui, enfim, para uma efetiva consciência corporal.

Com o poder de romper caminhos, ligar conceitos e ideias, elas propagam aspectos culturais de determinado tema ao combinar linguagem sonora de sua melodia com os fatos históricos. Conforme Ferreira (2001) a música já servia de subsídio para as primeiras manifestações verbais orais da humanidade. Para Napolitano (2002, p. 05):

A música conseguiu ao menos nos últimos quarenta anos, atingir um grau de reconhecimento cultural que encontra poucos paralelos no mundo ocidental. Portanto, arrisco dizer que o Brasil, sem dúvida uma das grandes usinas sonoras do planeta, é um lugar privilegiado não apenas para ouvir música, mas também para pensar a música.

Com intuito de debater sobre o ensino de história, verifica-se a música como uma importante ferramenta de ensino. Sustenta-se a hipótese de mostrar a viabilidade do uso da música como fonte no ensino de história e na construção do conhecimento histórico, reforçando a necessidade do uso dessa fonte. Vejamos o que Soares (2017, p. 79) aponta sobre o ensino de história no Brasil:

Ensinar história é sempre uma tarefa difícil. Aqui, o passado é sinônimo de velharia, e velharia é algo a ser descartado. Assim ensino de história que desconsidere a realidade vivida e os contextos sociais e históricos dos quais os alunos são sujeitos está fadado ao fracasso, pois não podemos desconsiderar que a maioria de nossos alunos interage com esse cenário contraditório, no qual o passado é socialmente desprestigiado, mas midiaticamente difundido. Portanto, é preciso se dedicar aos estudos sobre as metodologias de ensino que, considerando a realidade vivida, viabilizam a produção do conhecimento histórico em ambiente escolar.

Nessa perspectiva, aponta-se a utilização da música como principal ferramenta metodológica que contribui no processo de ensino. De acordo com Napolitano (2002) muitos tem sido os debates sobre a utilização da música, seja como fonte para a pesquisa histórica, seja como recurso didático para o ensino de humanidades em geral (história, sociologia, línguas etc.). No Brasil, em especial, a música ocupa um lugar de destaque na produção cultural. Nesse sentido ela tem sido o espelho não somente das mudanças sociais, mas, sobretudo das sociabilidades e sensibilidades coletivas mais profundas. Por isso mesmo, o uso da música como documento e recurso didático deve dar conta de um conjunto de problemas nada simples de resolver.

No Brasil, somos particularmente privilegiados no campo dos estudos musicais, pois nossa música apresenta um particular vigor em todas estas instâncias. Além disso, possui uma importância cultural e política que tem muito pouco paralelo em outros países, mesmos entre os chamados “países desenvolvidos”. No campo da música, o Brasil já tem tradição, obras consagradas e experiências instigantes. Estamos começando a cuidar do patrimônio musical acumulado, com a organização de acervos e catálogos (embora ainda nos falte muito nesta área). (Napolitano, 2002, p. 76).

É óbvio, que ter conhecimento historiográfico é imprescindível, até mesmo porque ninguém ensina algo sobre o que não tem conhecimento. No entanto, um ensino de história que desconsidere a realidade vivida e os processos históricos, regime de tempo e realidade e dinâmica social dos quais os/as alunos/as são sujeitos está fadado ao fracasso, pois não podemos desconsiderar que a maioria de nossos/as alunos/as interage com esse cenário contraditório, no qual o passado é socialmente desprestigiado, mas midiaticamente difundido. Assim, é preciso se dedicar aos estudos sobre as metodologias de ensino que, considerando a realidade vivida, viabilizam a produção do conhecimento histórico em ambiente escolar. (SOARES, 2017)

Para utilização da música como fonte histórica, cabe considerar que ela traz um olhar da realidade em que ela foi composta e que é possível uma análise do seu objetivo na composição e na interpretação. De acordo com Bittencourt (2004), o uso de documentos em sala de aula justifica-se pelas contribuições que elas podem trazer, em que:

Uma delas é facilitar a compreensão do processo do conhecimento histórico pelo entendimento que os vestígios do passado se encontram em diferentes lugares e fazem parte da memória oficial e precisam ser preservados como patrimônio da sociedade. Outra exigência para o uso das fontes históricas é o cuidado para com as diferentes linguagens. Os

documentos como foi anteriormente apresentado, são produzidos sem intenção didática e criados por diferentes linguagens que expressam formas diversas de comunicação. Como recursos didáticos, distinguem-se três tipos de documentos: escritos; materiais (objetos de arte ou do cotidiano, construções); visuais ou audiovisuais (imagens fixas ou em movimento, gráficas, musicais) (Bittencourt, 2008, p. 333).

Compreende-se que o uso adequado da música no ensino de história pode dar bons resultados. Como aponta Chaves (2020), a música é uma ferramenta riquíssima nas mãos de quem tem habilidade e domínio (no caso, o/a professor/a) e o/a aluno/a. Nas aulas de História é simplesmente um recurso extraordinário, pois ajuda o/a aluno/a, a assimilar com maior facilidade os objetivos de determinado assunto

Considerações históricas sobre o Rap

O Rap, é considerado um gênero musical altamente lucrativo para a indústria fonográfica, principalmente dos Estados Unidos. De acordo com Contier (2005) “hip hop trata-se de um conjunto de manifestações artísticas que engloba o rap (estilo musical); caracterizado pela apresentação de músicas em bailes e shows envolvendo um Dj (1) e um Mc (2); o break, um tipo de dança e o grafite, uma forma de expressão plástica. Esse movimento cultural é definido pelos hip hoppers como uma cultura de rua”.

Para introduzirmos a discussão em torno do rap nacional, é necessário expor brevemente os principais aspectos que contribuíram para o surgimento do hip-hop – manifestação artística da qual o rap faz parte, que ocorreu inicialmente no Bronx, condado de Nova York (EUA), na década de 1970, motivado pelo sofrimento de indivíduos afro-americanos que foram duramente atingidos pelas políticas públicas de urbanização adotadas e ações policiais. Como estratégia de luta pela afirmação de sua identidade e cultura, os jovens afro-americanos recorreram às artes do hip-hop como arma para denunciar as ações discriminatórias e para demarcar seus territórios nos bairros de Nova York. No Brasil, sua chegada foi impulsionada por necessidades sociais e culturais da juventude negra de São Paulo da década de 1980. (Fernandes; Martins; Oliveira, 2010, p. 185).

A expressão hip (quadril) e Hop (balançar) é uma gíria, conhecida pelos/as jovens do Hip Hop, como balançar o quadril. Verifica-se que o movimento foi criado pelas equipes de baile norte-americanas, com o objetivo de apaziguar as brigas e contrariedades frequentemente manifestadas pelos/as jovens agrupados/as em gangues. O termo Hip Hop designa um conjunto cultural amplo que inclui música (rap), pintura (grafite) e dança (break). O rap, sigla derivada de "rhythm and poetry" (ritmo e poesia), é a música do Movimento e constitui o seu elemento de maior

destaque. Mc é a sigla de "Mestre de Cerimônia"; é ele/a que canta o rap e, na maioria das vezes, também compõe as letras. (Lorenço, 2010).

Especificamente o Rap é um discurso rítmico, com rimas e poesias, que surgiu na Jamaica na década de 1960 e foi levado pelos/as jamaicanos/as para comunidades negras no gueto de Nova Iorque nos Estados Unidos no início do ano de 1970. É um dos cinco pilares fundamentais da cultura hip hop; são eles: Rap (música), breakdance (dança), graffiti (arte), beatbox (instrumental) e DJ, para compor a programação artística e musical do evento. Os/as cantores/as de rap são conhecidos/as como rappers ou MC's, abreviatura para mestre de cerimônias, como já explicado. Com o passar dos anos o rap também se modificou significativamente, tornando-se o segundo estilo musical mais popular nos Estados Unidos depois do rock, refletindo e desafiando as desigualdades sociais em suas letras e vídeos e inspirando simpósios em universidades de prestígio, como Harvard. (Fernandes; Martins; Oliveira, 2010).

No Brasil, o Rap surgiu em 1986, nas periferias da cidade de São Paulo. Paulatinamente, os grupos de diferentes bairros passaram a se juntar na Galeria 24 de Maio, na estação São Bento do metrô, onde declamavam suas rimas. Cabe dizer que o Rap era mal visto pela sociedade, especialmente as classes médias e altas, que consideravam um estilo que incitava a violência. Na verdade, assim como acontecia nos Estados Unidos, o Rap brasileiro também abordava a realidade das periferias, que eram repletas de violência, descaso e abandono do Estado. (Lorenço, 2010).

O Rap no Brasil, que teve essas influências americanas absorvidas e as suas próprias interpretações dos cenários culturais e dinâmicas em suas atitudes, as quais, Segundo Teperman (2015) tornaram-se reconhecidas por suas marcas de "protesto contundente", inventando-se a si próprio no território brasileiro, com suas próprias singularidades; caracterizando-se assim, o rap nacional nas décadas de 1980 a 1990 em diante, como um rap revolucionário, que expressava as dificuldades de um povo simples, principalmente, de favelas e negros, que buscavam enfrentamentos na questão racial, e de "classe", com um tom "agressivo". O que configurou as letras do período com fortes críticas sócias, além disso, um certo teor de aversão a ascensão social e valores "burgueses", em contrapartida com os de "rua" defendidos por os grupos brasileiros da época em que buscavam a crítica, porém com um distanciamento "seguro" da mídia. (ANDRADE, 2018, p. 65).

Fernandes, Martins e Oliveira (2010) apontam que o rap nacional se caracteriza por três fases distintas, delineadas entre seu surgimento e as produções atuais. A primeira fase se caracteriza pelo seu discurso ideologicamente menos

aguerrido em relação às fases posteriores, visto que os/as jovens da periferia, inicialmente, queriam se divertir e dançar nas ruas do centro da cidade. Sobre a segunda fase do rap nacional, a autora salienta um importante aspecto explorado em nossa pesquisa – a temática recorrente nas letras dos grupos surgidos no final de 1980 ao início do ano 1990, caracterizada por denunciar esse sujeito periférico, afrodescendente, que convive cotidianamente com a violência policial. A segunda e a terceira fases recebem maior atenção em razão do discurso adotado em ambas, que se mostra mais comprometido ideologicamente com as causas sociais e denuncia a situação social de abandono do/a jovem afrodescendente.

Ainda com relação ao Rap no Brasil, Andrade (2018) citado por Loureço (2010), aponta que o mesmo surge no início século XXI, precisamente por volta do fim dos anos 2000 até os dias atuais, o chamado nova escola, que busca “levadas mais dançantes”, projetos mais “individuais”, Crescente “escolaridade”, abertura e “flexibilidade no trato com a grande mídia e considerável traquejo comercial”, “maior acesso aos bens de consumo” buscando uma “conciliação” ao invés do conflito que era evidente entre classes tido na “velha escola”, assim diferenciando-se do movimento mais antigo. De certa forma observa-se que o RAP nacional contém singularidades dentro de algumas de suas características por ter, dentro do seu contexto musical, duas escolas: a nova escola que apresenta ritmos mais suaves de bastante repercussão popular e midiática, em redes sociais e programas de televisão, além de letras voltadas também para enfoques “românticos”, bastante distante de um cunho “raiz” e agressivo do gênero. Enquanto a velha escola mantém-se com um teor de protesto, com a sua “circulação” proibida dentro de algumas circunstâncias e contextos. Apesar de diversos/as rappers estarem se adaptando e fazendo RAP de uma maneira atual, não deixam de lado as suas características de manifestações.

Possibilidades para o ensino de História por meio da canção “Negro Drama”

A utilização de música no ensino de história não é uma inovação para os/as profissionais da educação brasileira. Existem diversos estudos com experiências relatadas sobre tal assunto, contudo acredita-se ser necessário aprofundar o tema. Dito isso, escolhi a letra da música Negro Drama, composta pelos Racionais MC's grupo brasileiro de Rap, sendo que a música pertence ao disco “Nada como um dia após o outro dia”, lançado em 2002, para apontar possibilidades de ensino de

história. Tendo em vista que o rap, como mencionado anteriormente, chegou ao Brasil com o intuito de abordar a realidade das periferias, buscar-se-á aqui refletir sobre o racismo. A música será usada para apontar possibilidades de ensino de história, indicando meio de discussão das relações étnicas e situações vivenciadas pelos/as alunos/as, consistindo em uma apresentação da mesma pelo/a professor/a problematizando historicamente.

Antes, cabe mencionar que a letra selecionada é do grupo Racionais MC's que é considerado um dos maiores grupos de rap do Brasil e, embora tenham uma posição política na qual seus membros raramente dão entrevistas, mas suas músicas são tocadas pelas principais rádios do país, o disco 'Sobrevivendo no inferno' de 1997 vendeu mais de um milhão de cópias e o outro intitulado 'Nada como um dia após outro dia' de 2002 vendeu cem mil cópias em apenas três dias. O grupo recebeu vários prêmios Hutúz (evento que premia exclusivamente o gênero hip-hop) nas categorias melhor disco do ano, melhor grupo, melhor Dj, melhor produtor musical e melhor música: 'Negro Drama'.

O Racionais MC 's é formado pelos rappers: Mano Brown, Pedro Paulo Soares, Ice Blue, Paulo Eduardo Salvador, Edy Rock, Edivaldo Pereira Alves, Kleber Geraldo Lelis Simões e Ki Joy . Inicialmente, esse grupo era constituído por Mano Brown e Ice Blue chamado de B.B. Boys. Residiam na periferia da zona sul da cidade de São Paulo e, posteriormente, juntaram-se a esse grupo a dupla KL Jay e Edy Rock oriundos da zona norte. As letras dos Racionais são "raivosas". Discutem com rara sensibilidade os mais diversos problemas sociais vivenciados pelos excluídos sociais, sem nenhum sentimentalismo. Resgatam temas sobre o racismo, protesto contra o governo, a violência policial, a guerra entre os traficantes, os jovens consumidores de drogas, a prostituição infantil, entre outros. Num primeiro momento, as suas músicas foram rejeitadas pelas classes médias e altas da sociedade e pelas grandes gravadoras devido as narrativas de suas letras fundamentadas na realidade da vida difícil do negro pobre, de suas críticas ao sistema capitalista e ao racismo, e num segundo, com o lançamento do disco "Holocausto Urbano", esse grupo de rap foi conquistando, aos poucos seus ouvintes de outros segmentos sociais. (CONTIER, 2005).

Temas como escravidão do passado colonial, o desemprego e a marginalização da atualidade, a violência a que o povo negro é, muitas vezes, forçado a se acostumar, são a matéria com que os Racionais criam suas canções de

denúncia. Diante disso a proposta é que durante as aulas de história o/a professor/a faça uma reflexão sobre o racismo no Brasil por meio da música 'Negro Drama'.

Negro drama, entre o sucesso e a lama
Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama
Negro drama, cabelo crespo e a pele escura
A ferida, a chaga, à procura da cura

Negro drama, tenta ver e não vê nada
A não ser uma estrela, longe, meio ofuscada
Sente o drama, o preço, a cobrança
No amor, no ódio, a insana vingança

Negro drama, eu sei quem trama e quem tá comigo
O trauma que eu carrego pra não ser mais um preto fudido
O drama da cadeia e favela
Túmulo, sangue, sirene, choros e velas

Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia
Que sobrevivem em meio às honras e covardias
Periferias, vielas, cortiços
Você deve tá pensando: O que você tem a ver com isso?

Desde o início por ouro e prata
Olha quem morre, então veja você quem mata
Recebe o mérito, a farda que pratica o mal
Me ver pobre, preso ou morto já é cultural

Histórias, registros e escritos
Não é conto, nem fábula, lenda ou mito
Não foi sempre dito que preto não tem vez?
Então, olha o castelo e não foi você quem fez, cuzão

Eu sou irmão dos meus truta de batalha
Eu era a carne, agora sou a própria navalha
Tin-tin, um brinde pra mim
Sou exemplo de vitórias, trajetos e glórias

O dinheiro tira um homem da miséria
Mas não pode arrancar de dentro dele a favela
São poucos que entram em campo pra vencer
A alma guarda o que a mente tenta esquecer

Olho pra trás, vejo a estrada que eu trilhei, mó cota
Quem teve lado a lado e quem só ficou na bota
Entre as frases, fases e várias etapas
Do quem é quem, dos mano e das mina fraca

Negro drama de estilo
Pra ser e se for, tem que ser, se temer é milho
Entre o gatilho e a tempestade

Sempre a provar que sou homem e não um covarde

Que Deus me guarde pois eu sei que ele não é neutro
Vigia os rico, mas ama os que vem do gueto
Eu visto preto por dentro e por fora
Guerreiro, poeta, entre o tempo e a memória

Ora, nessa história vejo dólar e vários quilates
Falo pro mano que não morra e também não mate
O tic-tac não espera, veja o ponteiro
Essa estrada é venenosa e cheia de morteiro

Pesadelo é um elogio
Pra quem vive na guerra, a paz nunca existiu
Num clima quente, a minha gente sua frio
Vi um pretinho, seu caderno era um fuzil
Um fuzil

Negro drama

Crime, futebol, música, carai
Eu também não consegui fugir disso aí
Eu sou mais um
Forrest Gump é mato
Eu prefiro contar uma história real
Vou contar a minha

Daria um filme
Uma negra e uma criança nos braços
Solitária na floresta de concreto e aço
Veja, olha outra vez o rosto na multidão
A multidão é um monstro, sem rosto e coração

Ei, São Paulo, terra de arranha-céu
A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel
Família brasileira, dois contra o mundo
Mãe solteira de um promissor vagabundo

Luz, câmera e ação, gravando a cena vai
Um bastardo, mais um filho pardo, sem pai
Ei, senhor de engenho, eu sei bem quem você é
Sozinho cê num guenta, sozinho cê num entra a pé

Cê disse que era bom e as favela ouviu
Lá também tem whisky, Red Bull, tênis Nike e fuzil
Admito, seus carro é bonito
É, eu não sei fazer
Internet, videocassete, os carro loco

Atrasado, eu tô um pouco sim
Tô, eu acho

Só que tem que, seu jogo é sujo e eu não me encaixo
 Eu sou problema de montão, de Carnaval a Carnaval
 Eu vim da selva, sou leão, sou demais pro seu quintal

Problema com escola, eu tenho mil, mil fita
 Inacreditável, mas seu filho me imita
 No meio de vocês ele é o mais esperto
 Ginga e fala gíria; gíria não, dialeto

Esse não é mais seu, ó, subiu
 Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu
 Nós é isso ou aquilo, o quê? Cê não dizia?
 Seu filho quer ser preto, há, que ironia

Cola o pôster do 2Pac aí, que tal? Que cê diz?
 Sente o negro drama, vai tenta ser feliz
 Ei bacana, quem te fez tão bom assim?
 O que cê deu, o que cê faz, o que cê fez por mim?

Eu recebi seu tic, quer dizer kit
 De esgoto a céu aberto e parede madeirite
 De vergonha eu não morri, to firmão, eis-me aqui
 Você, não, cê não passa quando o mar vermelho abrir

Eu sou o mano, homem duro, do gueto, Brown, Obá
 Aquele louco que não pode errar
 Aquele que você odeia amar nesse instante
 Pele parda e ouço funk
 E de onde vem os diamantes? Da lama
 Valeu mãe, negro drama
 Drama, drama, drama

Aê, na época dos barracos de pau lá na Pedreira, onde cês tavam?
 Que que cês deram por mim? Que que cês fizeram por mim?
 Agora tá de olho no dinheiro que eu ganho
 Agora tá de olho no carro que eu dirijo
 Demorou, eu quero é mais, eu quero até sua alma

Aí, o rap fez eu ser o que sou
 Ice Blue, Edy Rock e KL Jay e toda a família
 E toda geração que faz o rap
 A geração que revolucionou, a geração que vai revolucionar
 Anos 90, Século 21, é desse jeito

Aê, você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você, morou irmão?
 Cê tá dirigindo um carro
 O mundo todo tá de olho em você, morou?
 Sabe por quê? Pela sua origem, morou irmão?
 É desse jeito que você vive, é o negro drama
 Eu não li, eu não assisti
 Eu vivo o negro drama, eu sou o negro drama

Eu sou o fruto do negro drama

Aí Dona Ana, sem palavras, a senhora é uma rainha, rainha
 Mas aê, se tiver que voltar pra favela
 Eu vou voltar de cabeça erguida
 Porque assim é que é
 Renascendo das cinzas
 Firme e forte, guerreiro de fé

Vagabundo nato!

Antes, cabe ressaltar que, por se tratar de uma letra deliberadamente longa, os apontamentos serão em algumas partes da música, apontando diferentes aspectos com o proposto no estudo. Partindo pelo título da música "Negro Drama" temos um forte significado, sugerindo um enredo trágico vivido pelos negros no país. A letra utiliza expressões e referências culturais afro-brasileiras para construir uma narrativa que evidencia as dificuldades enfrentadas pela comunidade negra.

Nas primeiras estrofes da música verifica-se o/a negro/a na busca de espaço fora da periferia, e tudo indica que o capitalismo (o ter) pudesse lhe abrir as portas para o sucesso e lhe fizesse ser aceito/a em outros lugares. No entanto, o estereótipo "cabelo crespo e a pele escura" são evidências de uma sociedade preconceituosa, que vê no/a "Negro/a" alguém indigno/a de sair da periferia, mesmo que tenha 'dinheiro e fama'. Nessas estrofes temos a representação da realidade mais ampla e abrangente de discriminação e preconceito, e que esse preconceito gera traumas para as pessoas negras, 'ferida, a chaga, à procura da cura', neste caso, um trauma coletivo.

Temos também um questionamento, em que a música pergunta: "Você deve tá pensando 'o que você tem a ver com isso?'" Trata-se de uma provocação, afinal todos/as temos a ver com isso. Toda a sociedade é responsável pelas injustiças do presente e pelas heranças históricas que ainda são um peso para os/as negros/as. Vemos também um apontamento de um racismo histórico, que é atemporal, isso fica evidente quando a canção declara: 'desde o início, por ouro e prata', ou seja, remete-se a escravidão em seus primórdios.

A referência à polícia, nítida na palavra "farda", e a frase expõe a situação de conivência e incentivo com a violência praticada contra a população pobre. Muito embora as representações de discriminação e violência estão pela música toda, cabe destacar, que as relações existentes entre policiais e afro-brasileiros/as é sem

dúvida muito desigual, expondo relações desiguais de poder e desafiando-as como no verso 'me ver pobre, preso ou morto já é cultural'. Ou seja, a violência contra os/as negros/as assume um caráter entre moral e selvagem, em que 'recebe o mérito a farda que pratica o mal'. Isso ainda cabe uma crítica aos/às nossos/as governantes, para a necessidade de reflexão sobre as políticas públicas e estruturas sociais que perpetuam essas desigualdades, sobretudo, aos/às negros/as.

A música segue buscando enfatizar a constância da lógica escravista no Brasil 'Hey, Senhor de engenho, Eu sei, Bem quem você é Sozinho, cê num guenta, Sozinho Cê num guentaapé' ou seja, sem a mão de obra barata não conseguiriam construir seus impérios sozinhos, sem a exploração alheia não suportariam viver a pressão do trabalho forçado. No decorrer da música é constantemente afirmada a marginalização do/a negro/a, e que a mesma foi construída e reforçada durante séculos. evidenciando um abismo racial, principalmente quando nos referirmos às condições de vida, emprego, escolaridade entre os/as brancos/as e negros/as. Isto comprova que existe uma grande desigualdade racial em nosso país que se soma a exclusão social.

Num último apontamento, destaca-se 'hey bacana, quem te fez tão bom assim, O que cê deu? O que cê faz? O que cê fez por mim?'. O 'bacana' presume um grau de instrução maior, um ser superior ou até mesmo numa alusão aos/às políticos/as que visitam a favela em busca de votos e depois de eleitos/as esquecem dessa população, e ainda sugere que 'o bacana' não merece passagem pela periferia por causa do menosprezo para com o/a outro/a, pelo seu preconceito e discriminação.

Toda a letra da música refere-se ao racismo e ao preconceito que o/a negro/a vive e é fundamental que esse assunto seja debatido nas escolas na busca da conscientização da comunidade escolar sobre a discriminação racial no Brasil. Na verdade, o grupo usa suas letras para denunciar as injustiças sociais e mostrar como o racismo afeta a vida das pessoas. As músicas do Racionais MC's são uma forma de fazer ouvir as vozes de pessoas que sofrem com o racismo e mostrar para a sociedade que essa é uma questão que precisa ser enfrentada. O grupo contribuiu para que o debate sobre o racismo se tornasse cada vez mais presente na sociedade brasileira.

Com a proposta do trabalho é trabalhar a música no ensino de história, cabe propor atividades que são possíveis com a letra citada. Inicialmente a proposta incide em fazer com que os/as alunos/as apontem situações de racismo, seja no dia a dia, em reportagens, etc. A ideia é fazer isso no fim de uma aula, para que eles/as possam ir para casa e fazer essa reflexão, não é para anotar no caderno, mas sim que eles/as possam falar sobre o assunto numa próxima aula. Se faz necessário que o/a professor/a faça perguntas que possam provocar busca dessas informações, perguntas tais como: “No Brasil, será que estamos em um país racista? Será que as pessoas pretas do nosso país sofrem racismo ou essa discussão não tem nada a ver conosco? Que se sente Negro Drama?”

Para uma próxima aula, é importante que o/a professor/a inicie uma aula expositiva sobre o processo de escravidão no Brasil até chegar na lei da abolição. Após isso é o momento de deixar os/as alunos/as responderem os questionamentos da aula anterior. Em seguida o/a professor/a pode concluir a aula, pedindo para eles/as fazerem outra reflexão, por meio dos seguintes questionamentos: o Brasil tem a terceira maior população carcerária do mundo. Qual a cor da pele da maioria das pessoas que estão presas nas penitenciárias? E por qual razão continua-se a prender jovens negros/as em cadeias, em vez de ampliar as vagas em escolas e universidades para as populações negras? Você acha que a sociedade brasileira tem realmente se importado com as vidas pretas? Desta vez proponha que cada aluno/a emita sua resposta no caderno. Vale ressaltar que o/a professor/a deve alertar que durante todo o processo o/a aluno/a está sendo avaliado/a por sua participação.

Numa próxima aula, o/a professor/a pode iniciar com a discussão a partir dos registros dos alunos. Logo após isso, entregar a cópia da música ‘Negro Drama’ individualmente para que eles/as façam uma leitura silenciosa. Em seguida dividir a sala em grupos de quatro alunos/as, para que assim façam uma análise da música por meio de um debate, através de um diálogo e exposição da letra. No segundo momento o/a professor/a abrirá um debate dos grupos, para que um/a representante de cada grupo possa expressar as opiniões e entendimentos acerca do música. Para tanto, é importante que o/a professor/a, se necessário, faça perguntas norteadoras.

Após todas as considerações dos grupos o/a professor/a usará a música como meio de discussão sobre as relações étnicas e situações vivenciadas pelos/as alunos/as, consistindo em uma apresentação da mesma pelo/a professor/a contextualizando historicamente, e mostrando a ideia de herói presente também nas rimas, aquele que vence através do rap, porque a canção conta a própria trajetória do grupo Racionais MC's. Cabe, expor que música 'Negro drama' narra a vida de um garoto da favela que alcança o sucesso através do rap seu único refúgio contra a criminalidade, e no decorrer da canção ele critica o abandono que sofre pelo pai, pelo Estado, a discriminação racial, cultural e social e as oportunidades ofertadas pelo crime. O que não é muito diferente da realidade de muitos/as alunos/as.

Caso não seja apontado pelos/as alunos/as, cabe como sugestão apontar que na música, mesmo o/a negro/a sendo famoso/a ou ocupando um lugar de destaque na sociedade, paira sobre ele/a o preconceito da cor da pele. A pele escura é ainda vista pela sociedade como uma marca negativa, de origem da época da escravidão pela qual o povo de origem africana passou e foi dura e injustamente marcada. Na letra, existem elementos que caracterizam o drama do jovem negro de periferia:

Negro drama,/Tenta ver,/E não vê nada,/A não ser uma estrela/Longe meio ofuscada,/Sente o drama,/O preço, a cobrança,/No amor, no ódio,/A insana vingança,/Negro drama,/Eu sei quem trama,/E quem tá comigo,/O trauma que eu carrego,/Pra não ser mais um preto fodido,/O drama da cadeia e favela,/Túmulos, sangue,/Sirenes, choros e velas,/Passageiro do Brasil,/São Paulo,/Agonia que sobrevivem,/Em meio a zorra e covardias,/Periferias, vielas, cortiços (RACIONAIS, 1997)

Dito isso, vislumbra-se que o trabalho é idealizado. Parte-se da premissa de construir com alunos/as um conhecimento histórico a partir de diferentes matrizes de conhecimento que dialogam com experiências de ser negro/a no Brasil. Essas experiências são oriundas de músicas que retratam sensações, subjetividades e interpretações de artistas e compositores que viveram entre populares. Associar a música ao conhecimento da aula expositiva é válido, pois conhecimentos oriundos de diferentes saberes são correlacionados e constroem uma cultura histórica mais holística (SILVA, 2020).

Torna-se importante frisar que a utilização da música em sala de aula, como um recurso didático é uma forma de dinamizar e de educar, pois como nos diz Nietzsche, "A vida sem a música é simplesmente um erro, uma tarefa cansativa um exílio". (Apud Dias, 2017, p. 11). A música tem a capacidade de sensibilizar e

humanizar. É cultura, é arte. Está em constante modificação e se reinventando em novos gêneros/estilos, ritmos e letras. (Piniaguai, Moraes, Mattos, 2017).

Especificamente na música proposta o racismo é explicitamente abordado, e trata-se de um dos principais problemas sociais enfrentados nos últimos tempos causando, diretamente, exclusão, desigualdade social e violência. Racismo é a denominação da discriminação e do preconceito (direta ou indiretamente) contra indivíduos ou grupos por causa de sua etnia ou cor.

A isso cabe apontar que a BNCC dentro de suas competências gerais estabelecidas, traz alguns pontos que nos interessam mais detidamente nesse contexto, são eles:

1. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
2. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
3. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (Brasil, 2018, p. 9-10)

Através do item 1 das competências gerais é preciso que as equipes de construção de conteúdos se monitorem para compreender a “diversidade de saberes” que cada lugar abriga, desvinculando-se de projetar um quadro irreal de imagens, valores e interesses, abster-se de valorizar excessivamente imagens e representatividades que pouco tenham a ver com o universo onde os/as estudantes se inserem, ou seja, embora se possa ensinar como outras culturas e povos vivem, é contraproducente diminuir os valores e símbolos próprios da localidade, do estado ou do país. Mais que isso, é necessário que o/a cidadão/ã em formação (não só na educação infantil) possa se ver como alguém que em algum momento estará contribuindo para a coletividade e usufruindo das contribuições dos/as demais. (Brasil, 2018)

Destaca-se no item 2 que é impossível cuidar da “saúde física e emocional” própria ou dos/as convivas em um meio social agressivo, desrespeitoso, diminuído de valores por meio de depreciações geradas por racismo, xenofobia e demais

preconceitos. Veja que não se trata de permissividade ou vitimíssimo, mas respeitabilidade entre os seres na medida dos deveres de cada um/a no meio social quer seja a sala de aula quer sejam espaços de urbanidade, neste ponto faz todo o sentido os termos “consciência crítica” e responsabilidade de todos/as os/as envolvidos/as, incluindo profissionais da educação.

Por fim, no item 3 compreende-se que exercitar a empatia” significa reconhecer que existe possivelmente uma pré- formação social que ainda não é o da empatia por aqueles/as que não se parecem comigo, essa pré- formação advém, muitas vezes, da exposição às violências (reais ou virtuais) em famílias pouco ou de nenhuma estrutura; uso de mídias interativas sem filtro crítico-moral dos pais, mães e/ou responsáveis ou vivência em comunidades de risco. (BRASIL, 2018).

Diante do exposto, é possível verificar que a música é um recurso que dá ao professor/a inúmeras possibilidades, por isso, é fundamental que haja uma releitura do cenário musical enquanto cultura, e que a ela seja utilizada como ferramenta didática no processo de construção do conhecimento dos alunos/as. A música como já apontado antes, é uma linguagem universal, e em diversos momentos da história contribuiu para o aperfeiçoamento do comportamento humano e os seus benefícios.

Considerações Finais

Existe no cenário educacional um debate sobre a utilização da música como uma ferramenta importante de ensino. A música, assim como a aprendizagem, são fatos que acompanham o ser humano ao longo da vida, e estão certamente inseridos no cotidiano das pessoas, em qualquer idade. Para ensinar é necessário ter consciência que se deve constituir em um momento de prazer e alegria para que aconteça de forma espontânea e tenha significado.

Vimos que a utilização da música no ensino é recurso de grande valia para o enriquecimento das atividades podendo ser muito prazerosa e motivadora. Apontou-se ainda que medir o quanto e como será trabalhado também são funções fundamentais no momento da preparação de uma atividade. Importa ainda, dar atenção para a não banalização da música em sala de aula e proporcionar que o aluno (a) compreenda que pode aprender através da sua utilização.

No ensino de história a música pode contribuir de forma fantástica, assim como o estudo apresentou. Verificou-se que por meio da música “Negro Drama”, é possível trabalhar temas importantes como o antirracismo. Evidenciou-se na música proposta, temas importantes para se compreender o passado, conversar e refletir a respeito de políticas públicas e combater o racismo velado e abandonar concepções errôneas. É necessário promover um ensino em que pessoas sejam capazes de perceber o mundo que os cerca e criticar posturas impostas. Trabalhar com músicas que neste caso foi o rap é uma forma de ressaltar as questões culturais e de trazer novos discursos para a sala de aula.

Tendo em vista isso, viu-se que é possível usar a música no ensino de história como uma voz do antirracismo, e ensinar do ponto de partida de algo da realidade dos alunos (as). No mais, considera-se que as discussões propostas poderão, de alguma forma, contribuir para todos envolvidos com ensino no cenário educacional, e que a proposta apresentada pode instigar os alunos a serem cidadãos críticos e capazes de questionar a realidade em que vivem e o tipo de cultura que consomem. Acredita-se ainda que a utilização de novos métodos de ensino contribui com o professor a se conectar com os alunos (as), deixar as aulas mais leves e participativas sem negligenciar o conteúdo, fazendo também a integração de conteúdos de História com outras disciplinas presentes na formação escolar dos alunos (as).

Referências Bibliográficas

Andrade, Loren Tessy. O rap nacional: origens, velha escola e a nova escola. Das Amazônia. Revista Docente de História da UFAC. V1. Nº 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/2272>. Acesso em: 22 jun. 2023.

Bittencourt, Circe. Ensino de história: fundamentos e métodos. 2º edição. São Paulo: Cortez, 2008.

Brasil. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). (2018). Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

Chaves, Lyjane Queiroz Lucena. História, música e o processo de aprendizagem. Revista Educação Pública, v. 19, nº 34, 17 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/34/historia-musica-e-o-processo-de-aprendizagem>. Acesso em: 14 jun. 2023.

Contier, Arnaldo Daraya. O rap brasileiro e os Racionais MC's. An. 1 Simp. Internacional do Adolescente May. 2005. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=msc000000082005000100010&script=sci_arttext. Acesso em: 22 jun. 2023.

dias, Rosa Maria. Nietzsche e a Música: Disponível em: <<http://www.verlaine.pro.br/txt/rosadias-niet-mus.pdf>>. Acesso em 28 ago. 2023.

Fernandes, Ana Claudia Florindo; MARTINS, Raquel; OLIVEIRA, Rosângela Paulino de. Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 64, p. 183-200, ago. 2016.

Ferreira Martins. Como usar a música na sala de aula. São Paulo: Contexto, 3ª ed., 2002.

Garcia, Vitor Ponchio. A importância da utilização da música na educação infantil. 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd169/a-musica-na-educacao-infantil.htm>>. Acesso em 24 set.2023.

Lakatos, Eva Maria; Marconi, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

Lourenço, Mariane Lemos. Arte, cultura e política: o Movimento Hip Hop e a constituição dos narradores urbanos. Psicol. Am. Lat. no.19 México 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000100014#:~:text=A%20express%C3%A3o%20Hip%20\(quadril\)%20e,pe los%20jovens%20agrupados%20em%20gangues](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000100014#:~:text=A%20express%C3%A3o%20Hip%20(quadril)%20e,pe los%20jovens%20agrupados%20em%20gangues). Acesso em: 20 jun. 2022.

Napolitano, Marcos. História & música – história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Paniaguai, Edson Romário Monteiro; Moraes, Avila; Mattos, Lucas. A música em sala de aula. a experiência do PIBID subprojeto história na escola Vicente Goulart, São Borja/RS. II COINTER. Volume 2, 2017, UNIPAMPA. ISSN 2526-7396. Disponível: <https://sites.unipampa.edu.br/pibid2014/files/2018/02/a-musica-em-sala-de-aula.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2023.

Racionais, MC's. Negro Drama. Disponível em :<<http://www.vagalume.com.br/racionaismcs/negro-drama.html>> acessado em 22 jun. 2023.

Silva, Cláudia Andréa Ferreira da. A linguagem musical na educação infantil. 2010. 12 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Cento Universitário Metodista Izabela Hendrix. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://licenciaturas.izabelahendrix.edu.br/pedagogia/trabalho-de-conclusao-de-curso-tcc>>. Acesso em: 28 set. 2023.

Silva, Saulo Vinícius. Entre a chaga e a cura: música e ensino de História e para uma educação antirracista. 196 f.: il. Dissertação (Mestrado). - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, 2020.

Soares, Olavo Pereira. A música nas aulas de história: o debate teórico sobre as metodologias de ensino. Revista História Hoje, v. 6, nº 11, p. 78-99 – 2017. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/325/224>. Acesso em: 08 mai. 2023.